



© Susana Chiocca, António Lago, Catarina Miranda, António Olaio.

EM REVISTA.....“Ser isto, ser aquilo, ser evento”¹ Sobre as práticas performáticas e relacionais no Laboratório de Curadoria

Or again: toward morning, when the sun is about to rise, rites of day break are celebrated by the people, but not during the night, when they simply burn lamps. ²

Tratemos a ação como produto humano, como mapeamento daquilo que se é a cada momento, numa articulação de vontades. É no fazer, enquanto resposta a cada encruzilhada, que o indivíduo se constitui. O tempo torna-se moldável pela possibilidade de se ser isto, ser aquilo, ser evento; a possibilidade torna-se o motor da história, aquilo que dá forma à ação. O possível é a matéria da poesia.³ A constelação de práticas performáticas e relacionais delineada no Laboratório de Curadoria, no espaço da Fábrica ASA, pode ser determinada como simulacro da história enquanto sequência de possibilidades e ações - discurso. É na revelação diária do terreiro⁴ aberto em atividades que o espaço se constrói.

Da fábrica que falece à construção do edifício metafórico das ações, está o mesmo denominador: a arquitetura, como a linguagem, serve a ação humana. Neste caso, desde a intervenção arquitetónica do coletivo Exyzt às Assembleias do projeto Musa paradisíaca, convoca-se a palavra de cada um. O evento é de construção conjunta. O que emana de uma performatividade latente e construtora reflete o mesmo gesto fabril, repetido vezes sem conta, que agora ecoa numa fabricação de outra ordem.

Demoremo-nos na imagem da linha de montagem: a alienação do produto final pelo gesto individual não anula a sua essência construtora. O tempo, nessa imagem, é de uma multiplicidade de eventos-acção, sequenciais e sobrepostos. Em oposição, a fábrica oferece, agora, lugar a cada movimento para que seja evento, na latência entre o ínfimo espaço que se coloca entre o possível e o exequível, tornando-o comum e explosivo.



O campo desta prática performática é aberto e mutável; é essa a concretização absoluta da possibilidade. Ao mesmo tempo, toda a ação delimita uma ideia, circunscreve-a no terreno intenso e prolífero da sua contaminação; promove uma nova configuração para o tempo e para o espaço.

Invoquemos a ideia de consenso de Rancière, nas palavras de Moacir dos Anjos – a obra (aqui entendida no seu campo expandido) põe por terra cada consenso apenas para erguer um novo edifício partilhado e questionado, retomando uma intrínseca vontade criativa e plástica onde a destruição serve o novo. Na sua pluralidade (da conversa à projeção filmica, do “Almanaque – tentativa de uma mesa não redonda” de André Guedes à performance “Esta Coisa” de Susana Chiocca), esta constelação é crítica da vida, enquanto a vida é crítica de tudo.⁵ Neste movimento de reciprocidade está em causa a entretela viva de todo o ato artístico, que se quer sempre novo, mesmo que para isso desabem todas as estruturas de conceitos consensualmente estabelecidos.

Luísa Metello Seixas
Abril 2012

¹ A partir da intervenção de António Poppe no Sinestesia, programação de Alexandre Estrela para o Curators' Lab / Laboratório de Curadoria, no dia 15 de Abril de 2012.

² Ludwig Wittgenstein; *Remarks on Frazer's Golden Bough*, trad. Rush Rhees, Retford: Brynmill press, 1987, p. 137.

³ Aristóteles, *Poética*, Guimarães & C.ª Editores, IX/15.

⁴ Parafraseamos a terminologia utilizada por Moacir dos Anjos durante a sua intervenção no Laboratório de Curadoria (15 de Abril de 2012) comparando o seu espaço físico aos “terreiros” criados na 29ª Bienal de São Paulo, cuja função remete para a utilização simultaneamente profana, religiosa e social de locais idiossincráticos nas cidades brasileiras. “Transpostos e adaptados para o ambiente expositivo, os terreiros desempenham seu papel como lugar de encontro, fala, escuta, disputa, comunhão e dúvida, ecoando a potência da política como ato de criação do que não é dado, ou do que sequer se adivinha como possível.” Agnaldo Farias e Moacir dos Anjos in Catálogo da 29ª Bienal de São Paulo: *Há sempre um copo de mar para um homem navegar*, pág. 18 a 29. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2010

⁵ “If theatre is critical of life, everyday life is critical of theatre.” Alan Read; *Theatre and Everyday Life, An Ethics of Performance*. Londres: Routledge, 1993, p.3.

Laboratório de Curadoria, Momento #1 - Cruzamentos e Encenações, até 13 de Maio
Fábrica ASA, Covas, Guimarães, GPS: N 41.42001 (Lat.) | W 8.30246 (Lon.).

DEVIR MENOR

Arquiteturas e Práticas Espaciais Críticas na Ibero-América

**: 16 JUNHO A 19
AGOSTO 2012**

DEVIR MENOR é um projeto de investigação que se materializa numa exposição e um livro resultantes de uma pesquisa híbrida entre a arquitetura, a teoria crítica e a prática da materialidade, procurando diagramar projetos e processos de trabalho de arquitetos e coletivos situados no contexto da Ibero-América. A conceção do projeto é uma colaboração entre Inês Moreira (arquiteta e curadora) e Susana Caló (investigadora em filosofia e editora) que procuram experimentar a continuidade conceptual e material do projeto nos seus vários formatos e nos processos de curadoria/edição.



© Urban-Think Tank

Enunciado a propósito da literatura de Kafka por Gilles Deleuze e Félix Guattari, o conceito de 'devir menor' refere-se a um potencial de transformação e de abertura de espaços dentro de um contexto dominado pela subordinação a uma língua maior ou dominante. O projeto parte deste conceito e explora a sua instanciación em práticas espaciais na Ibero-América. Explorando o que se denomina por 'práticas espaciais críticas', o projeto quer ir particularmente ao encontro de conceções de espaço e prática da arquitetura em que os fatores políticos, económicos, sociais e ecológicos intercetam a elaboração projetual e contribuem para um discurso de multiplicidade.

Em DEVIR MENOR exploram-se projetos sensíveis à especificidade das condições contextuais, muitas vezes usando táticas alheias à metodologia tradicional da arquitetura e tecendo uma crítica social e económica operativa, empenhada na transformação e vitalização do seu contexto. O projeto arquitetónico adquire uma proximidade ao quotidiano e uma natureza processual, as modalidades de relação com o contexto vão alterando o próprio projeto e a obra torna-se reflexiva e relacional. Os trabalhos aproximam-se das práticas culturais, caracterizando-se também por uma reconciliação singular que desafia o global e o local; têm uma forte componente espacial e empregam, entre outras, técnicas de reciclagem de materiais, reutilização de recursos existentes, o do-it-yourself, ou experimentam modos de trabalho diversos.

A exposição DEVIR MENOR apresenta projetos de coletivos e autores convidados, refletindo um modo de pesquisa em rede com um conjunto de consultores de diversos países da América Latina, Portugal e Espanha. A exposição consta de uma instalação espacial imersiva que explora o potencial dos desenhos, registos, vídeos e imagens dos participantes convidados, privilegiando uma relação informal e intuitiva com o público. A edição do livro com contribuições novas de filósofos, arquitetos, urbanistas e sociólogos, pretende firmar criticamente a relação do 'menor' com o pensamento da Ibero-América e da América Latina, e com o pensamento da arquitetura enquanto projeto e prática, e configurar especulativamente ideias em torno da proposta do projeto.

A exposição inaugural deste projeto na Sociedade Martins Sarmiento ocupa os três espaços das galerias de exposições temporárias num percurso contínuo que inclui 22 participantes e que avança por diversos núcleos: um conjunto de estratégias de ocupação e apropriação de espaços vazios (ex: Ángela Bonadies + Juan José Olavarria ou Louise Marie Cardoso Ganz), processos de criação e construção coletiva (ex: Todo por La Praxis ou Rootstudio + Blaanc), pesquisas sobre o território e a literatura (ex: Iconoclastas ou Mario Ballesteros), a explorações visuais de espaços construídos (ex: José Luis Uribe + Cristobal Palma), e ainda modos de habitar (ex: Urban Think Tank + La Panaderia).



© Cristóbal Palma

Conceção e curadoria: Inês Moreira e Susana Caló

Consultores: Jorge García de la Cámara (Espanha), Luis Santiago Baptista (Portugal), Paula Álvarez Benítez + José María Galán Conde (Espanha), Stephane Damsin (Supersudaca) (Bélgica e América Latina)

Projetos novos: Iconoclastas + Bernardo Amaral + Paulo Moreira (Argentina + Portugal), Paulo Tavares (Brasil e Reino Unido), Mario Ballesteros (México)

Autores/coletivos: Al BordE arquitetos (Equador), Ángela Bonadies + Juan José Olavarria (Venezuela), Borde Urbano consultores (Chile), Control+z + Straddle3 + Lamatraka Cultural (Espanha), Cristóbal Palma (Chile e Reino Unido), Husos (Espanha + Colômbia), Iconoclastas (Argentina), Blaanc + Rootstudio (Portugal + México), José Luis Uribe Ortiz (Chile), Louise Marie Cardoso Ganz (Brasil), Maria Luz Bravo (México), Mónica de Miranda + Artéria Arquitetos (Portugal), Moov (Portugal), La Panadería (Espanha), Plano B (Portugal), Supersudaca (América Latina), Todo por la Praxis (Espanha), Tomás García Puente (Argentina), Urban Think Tank (Venezuela)

Autores/textos: Anne Querrien (França, urbanista), Coletivo Situaciones (Argentina), Eduardo Pellejero (Argentina, filósofo), Godofredo Pereira (Portugal, arquiteto), Inês Moreira (Portugal, arquiteta), Marcelo Expósito (Espanha, artista e investigador), Mario Ballesteros (México, editor), Patricio del Real (Cuba, arquiteto), Paulo Tavares (Brasil, arquiteto), Susana Caló (Portugal, filosofia)

Países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, México, Portugal, Venezuela + Bélgica, França e Reino Unido.



© José Luis Uribe Ortiz



© Todo por la Praxis



© Urban-Think Tank

De 16-06 a 19-08, na Sala de Exposições Temporárias da Sociedade Martins Sarmento, Rua Paio Galvão, 4810 Guimarães

MADE-IN Concurso Internacional de Ideias para 5 Intervenções nos Lavadouros da Ribeira de Couros

Made-In é um concurso internacional de ideias para obras de arte pública de caráter permanente, que tem por objetivo reconfigurar cinco espaços públicos da cidade de Guimarães para além de 2012.

Este concurso tem como público-alvo os profissionais da arte e da arquitetura, os quais devem apresentar ideias para quatro lavadouros públicos já existentes em regime de concurso aberto e uma proposta de uma nova estrutura em regime de convite. As ideias propostas devem obedecer às exigências de qualidade, manutenção e acessibilidade, tendo em consideração públicos de todas as idades e o uso específico dos sítios propostos.

Os quatro lavadouros públicos localizam-se no centro da cidade e na sua periferia, e situam-se no caminho definido pelo curso de água da Ribeira de Couros entre a Costa e a Veiga de Creixomil, sendo a localização da quinta construção também proposta para este trajeto.

A premissa da encomenda de arte pública (permanente) tem por base dois elementos: os aspetos de compromisso social do projeto e a necessidade de uma obra escultórica / arquitetónica criada por um artista / arquiteto.

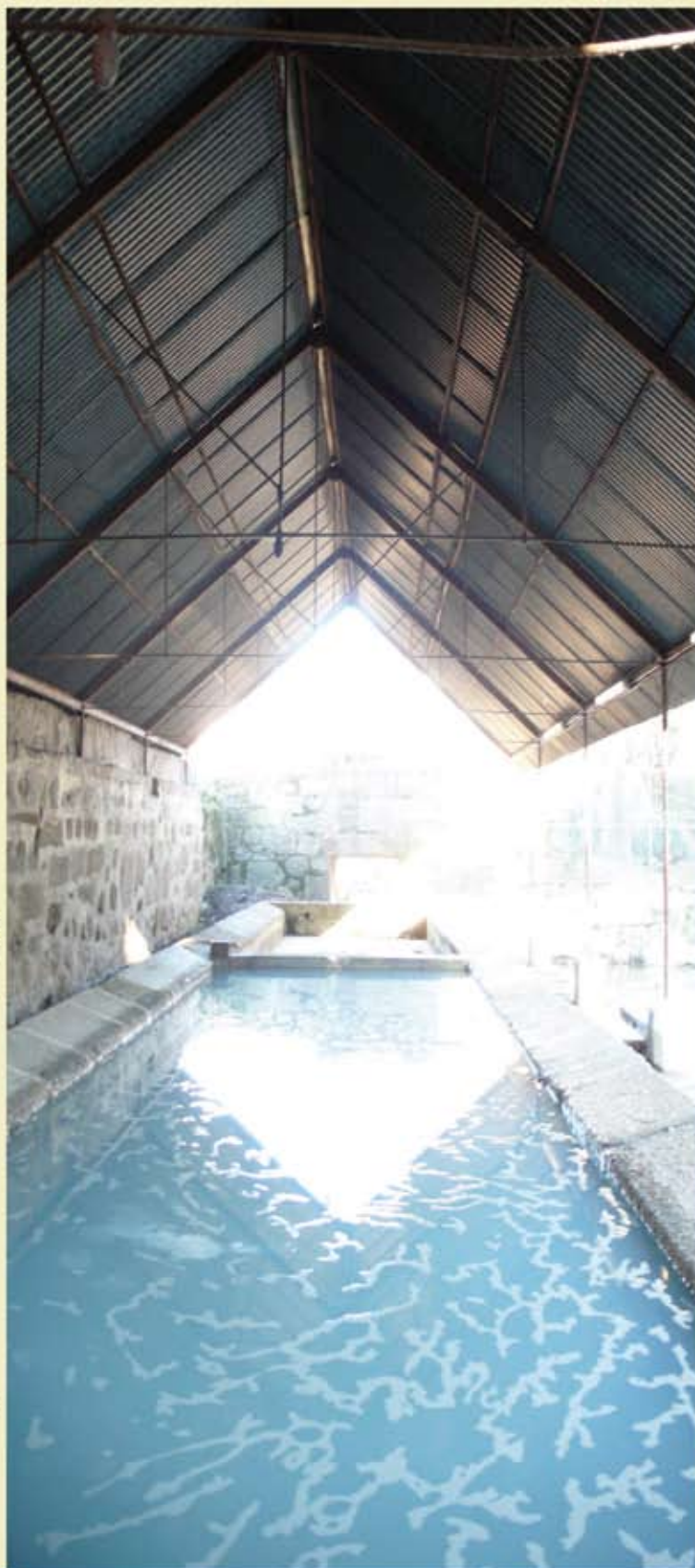
O concurso surge como uma oportunidade para artistas nacionais e internacionais se dedicarem à cidade de Guimarães e à sua herança, e desenvolverem ideias que enriqueçam, examinem e reflitam o seu contexto particular. É também uma oportunidade para gerar interesse junto de possíveis patrocinadores na cidade para a construção das intervenções.

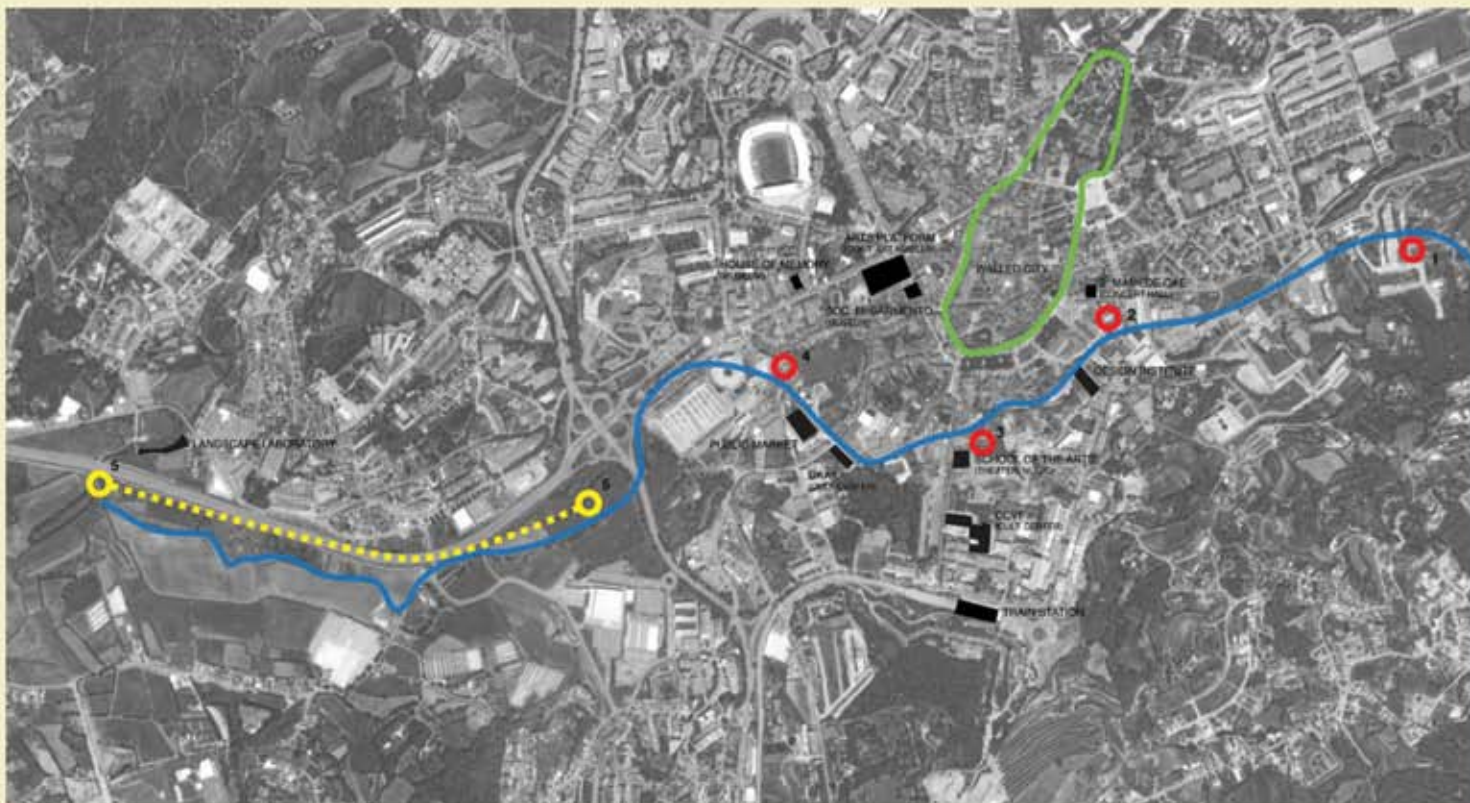
À medida que a paisagem de Guimarães se altera, desenvolve e avança, as estruturas para interação social ganham uma maior importância com o reposicionamento e a tensão entre hábitos antigos e os novos que infiltram a vida diária. Os refúgios da vida tradicional da cidade – os cafés, bares, jardins e casas associativas – continuam a existir, mas na periferia existem também espaços de vida quotidiana que aos poucos se estão a transformar em marcas da tradição e de rituais que lentamente se dissipam. Neste sentido, o lavadouro público português assume-se como um emblema de tradição e domesticidade. Ainda usado por muitas mulheres, são espaços onde o ato de lavar roupa proporciona aos seus utilizadores não apenas um sítio para o fazer, mas também um local para interação social e comunitária.

Os lavadouros de Guimarães variam quanto à forma, mas conseguem ser espaços de uma enorme beleza arquitetónica: simples, de desenho prático, são frequentemente uma básica estrutura de telhado e tanque. São espaços sociais, ligados por uma rede informal de utilizadores que, apesar de quase despercebida, liga toda a cidade.

A rede de lavadouros na cidade constitui uma excelente oportunidade para um projeto socialmente comprometido, olhando para estes espaços e para as pessoas que os usam, bem como as histórias pessoais que se lhes associam.

Este concurso é concebido para sensibilizar para a causa dos lavadouros públicos, a sua arquitetura, a sua herança cultural e ecológica, e, durante o processo, cativar fundos para a construção das propostas, deixando um legado de ideias à cidade.





O projeto tem por objetivo intervir em cinco locais, através de um concurso aberto para quatro dos lavadouros existentes e de uma convocação para manifestações de interesse de um conjunto de artistas e outros profissionais convidados a intervir no quinto local. Os candidatos deverão desenvolver propostas que tirem partido dos princípios de utilização de um lavadouro típico e proponham novas abordagens em relação à atividade social que lhe está subjacente.

Durante o período de exposição, a ter lugar no CAAA - Centro para os Assuntos de Arte e Arquitetura em Outubro de 2012, estará ao dispor dos visitantes a possibilidade de votarem para registar preferência por uma das entradas pré-seleccionadas no concurso aberto e por uma das propostas apresentadas por convite. Esta votação terá o valor de voto correspondente a um membro de Júri no processo de deliberação.

O **Concurso Aberto** pretende vir a identificar um conjunto de doze ideias para os quatro lavadouros existentes, seleccionado pelo Júri para votação final entre este e o público com vista à escolha das quatro intervenções vencedoras. As doze ideias serão expostas no CAAA e integrarão o catálogo geral do concurso. O **Concurso Por Convite** constitui-se como uma convocatória fechada para manifestações de interesse de uma lista de artistas e/ou profissionais convidados para a realização de um novo lavadouro público. As propostas e o trabalho de investigação dos três artistas finalistas integrarão a exposição e serão publicados no catálogo geral do concurso. O processo de seleção do vencedor será da mesma forma partilhado pelo júri e pelo público.

Todo o material de apoio bem como o Regulamento completo podem ser obtidos em: www.madein.guimaraes2012.pt

Calendário

- 30 de Abril** - Divulgação do concurso
- >20 de Maio** - Pedidos de esclarecimento
- >4 de Junho** - Respostas aos pedidos de esclarecimento
- 15 de Julho** - Fim do prazo para inscrições e envio de propostas
- >26 de Julho** - Notificação dos candidatos pré-seleccionados
- >26 de Agosto** - Fim do prazo para receção de painel e maquete.
- 10 de Outubro** - Apresentação pública dos projetos e exposição
- 27 de Outubro** - Divulgação dos vencedores e conferência



Membros do Júri:

Aldo Rinaldi (Comissário do concurso), Bristol, Reino Unido; **Filipe Fontes** (Arquiteto, Câmara Municipal de Guimarães), Guimarães, Portugal; **Patricia Brown** (Central), Londres, Reino Unido; **Tom Van Gestel** (Curador, SKOR), Amesterdão, Holanda; **Ricardo Areias** (Arquiteto, CAAA), Guimarães, Portugal; **Barbara Holub** (Artista, Transparadiso), Viena, Áustria.

PREVIEW.....Christian Boltanski

Christian Boltanski (Paris, 1944) é um dos mais conhecidos artistas franceses surgidos na segunda metade do século XX. A sua obra combina elementos fictícios e reais de memórias e vivências, configurados em objetos, documentos escritos e fotográficos, filmes, instalações e livros de artista. A memória histórica cruza-se com a lembrança íntima e a memória individual no seu trabalho.

No decurso dos anos 70, a fotografia tornou-se o principal suporte usado por Boltanski para "contar histórias", tendo começado por utilizar imagens anónimas e "amadoras" que organizou em instalações/arquivo. Este carácter amador foi simulado em algumas das fotografias da autoria do próprio Boltanski, que passou também a usar retratos de outras pessoas para ilustrar a sua infância, jogando com o carácter de "verdade" da fotografia para documentar e falsificar o seu passado. A obra de Boltanski contribui para a redefinição conceptual da obra de arte a partir da sua utilização particular da fotografia e de documentos visuais e escritos como interrogação da História. A partir da década de 90, o artista concebe várias instalações nas quais a fotografia continuou a marcar uma forte presença. A memória histórica do Holocausto está presente em trabalhos como *Les Archives* [Os arquivos], obra apresentada na "documenta" de Kassel em 1987, e em instalações como *Autel De Lycée Chases* [Altar ao Liceu de Chases], 1988, que reúne fotografias de crianças judias evocadoras da intensa e terrível lembrança do genocídio judeu, ou *Réserve* [Reserva], 1990, onde várias salas e corredores com roupa usada conjuram imagens de campos de concentração.



© Christian Boltanski, *Réserve*, New Museum of Contemporary Art, Nova Iorque, 1991

Christian Boltanski foi o artista que representou a França na última Bienal de Veneza, em 2011.

O artista apresentará em Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura um novo trabalho especificamente concebido para esta ocasião. Este projeto resulta de uma parceria estabelecida com a Fundação de Serralves, sendo comissariado por João Fernandes, Diretor do Museu de Arte Contemporânea de Serralves.



© Christian Boltanski, *Vitrine de référence (III)*, 1970. Col. Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto

De 22-06 a 09-09 de 2012, Fábrica ASA, Setor J, Piso 1, Covas, Guimarães, GPS: N 41.42001 (Lat.) | W 8.30246 (Lon.)

Cartografias da Memória e do Quotidiano

A cidade, as pessoas e os mitos... e depois, os desenhos sobre eles ^(*)



Nuno Sousa, Anke Feuchtenberger e Ulli Lust. Painéis de exterior.

Duas vertentes estão aqui em diálogo, o jogo íntimo do ilustrador com o seu caderno de registo visual e a relação aberta com o objeto (gente, espaço, arquitetura, ações, momentos, mitos) em observação. Esta última, relação importante, experiencial, única na sua consecução, vem mais tarde a concretizar-se sob uma nova forma na sobreposição das imagens à cidade e à paisagem cultural, no reconhecimento dos lugares, dos rostos e das histórias, no confronto com os lugares e os mitos. (*)



João Fazenda, Denis Deprez e Marco Mendes. Painéis de exterior.

Na verdade, o cumprimento de cada uma destas intencionalidades artísticas recebe uma dimensão acrescida quando em confronto com o espaço público. Nesta dimensão, julgo, está o verdadeiro desafio deste projeto, trazer o gesto íntimo do registo no caderno ou diário visual dos artistas para a dimensão à escala do painel publicitário. E, nesse sentido, as caminhadas de Anke Feuchtenberger, o olhar solitário de Denis Deprez, o humor de João Fazenda, o delírio de Marco Mendes, a minúcia de Nuno Sousa e as pessoas que Ulli Lust conheceu, vêm justapôr-se aos caminhos, às histórias e às próprias pessoas do Concelho. (*)

Projeto realizado em parceria com a ESAP Guimarães, partiu de residências levadas a efeito pelos ilustradores ainda em 2011, e cumpriu-se numa exposição do material de pesquisa e processo dos artistas na Sociedade Martins Sarmento, e na instalação de 18 painéis de grande dimensão pelo espaço público da cidade e do Concelho.

© Gabriela Vaz-Pinheiro, excertos do texto para catálogo.